

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

**Visibilidade e anonimato LGBTQI+: das páginas do Jornal do Nuances
para possibilidades de vidas vivíveis**

Augusta da Silveira de Oliveira

Porto Alegre
2020

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

**Visibilidade e anonimato LGBTQI+: das páginas do Jornal do Nuances
para possibilidades de vidas vivíveis**

Augusta da Silveira de Oliveira

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharela em História. Orientadora: Profa. Dra. Céli Regina Jardim Pinto

Porto Alegre
2020

*“Je vous souhaite de ne plus
avoir la force de répéter la
norme, de ne plus avoir l’énergie
de fabriquer l’identité.”*

Paul B. Preciado

AGRADECIMENTOS

Nove anos depois de ingressar no curso de História e concluir a licenciatura e o mestrado, encerro (por enquanto, eu espero) meu vínculo com a Universidade Federal do Rio Grande do Sul ao concluir o bacharelado. Me sinto muito afortunada de ter podido circular nos corredores da universidade durante esse período. Sou grata aos professores, funcionários e colegas que tornaram essa trajetória mais enriquecedora.

Para esse trabalho, contribuíram imensamente a Prof. Céli Pinto, minha orientadora, o Prof. Benito Schmidt, pela sugestão do acervo do Jornal do Nuances como fonte, e a Dra. Marisângela Martins, que me acolheu no Núcleo de Pesquisa em História para a realização do estágio de bacharelado.

Pelo apoio irrestrito (financeiro, moral...), agradeço aos meus pais, Graça e Diorges. Pelo incentivo e pela paciência, agradeço à minha esposa, Martha Bañolas Tarragó. Obrigada também aos moradores do apartamento 303.

Dos ciclos que se fecham esse foi, com a maior certeza, o mais bonito e gratificante.

RESUMO

Esse trabalho se insere na área de História LGBTQI+ e busca contribuir para sua expansão através de duas proposições: a primeira é analisar o Jornal do Nuances, publicado desde 1998 pelo Nuances - Grupo pela Livre Expressão Sexual. Utilizando como fonte os 28 números disponíveis para consulta no acervo online do Núcleo de Pesquisa em História da UFRGS, buscou-se compreender de que forma o discurso nuanceiro tratava da visibilidade da comunidade LGBTQI+. A Parada Livre de Porto Alegre e sua cobertura no jornal foi o evento escolhido como representativo da mobilização que aventa uma visibilidade transgressora, de forma a questionar a moral conservadora da sociedade. Em um segundo momento, em contraposição/complemento à visibilidade, discutiu-se o anonimato como estratégia. Para isso, a trajetória de A.G., uma mulher trans que não deseja ser marcada por essa identidade, serviu como ponto de partida para uma exposição teórica que retoma os conceitos de reconhecimento e paridade participativa como propostos por Nancy Fraser. Com isso, consideramos que quando as demandas de reconhecimento não são atendidas, a visibilidade pode ser nociva para os sujeitos. Nesse sentido, o anonimato pode ser uma estratégia de vida vivível, como propõe Judith Butler.

Palavras-chave: história LGBTQI+; imprensa homossexual; visibilidade; reconhecimento

ABSTRACT

This work seeks to contribute to the queer history field through two major propositions: the first is to analyze *Jornal do Nuances*, alternative media published since 1998 by Nuances - Group for Free Sexual Expression. Using the 28 numbers available for consultation at the online collection of Núcleo de Pesquisa História-UFRGS as primary source, we sought to understand how the Nuances addressed the question of visibility of the LGBTQI+ community. The Porto Alegre Pride Parade and its coverage in the periodical was the event chosen as representative of the mobilization that advances a transgressive visibility in order to question society's conservative morality. In a second part, to complement/oppose to visibility, anonymity was discussed as a strategy. For this, the trajectory of A.G., a trans woman who does not wish to be marked by this identity, served as a starting point for a theoretical argument that takes up the concepts of recognition and parity of participation as proposed by Nancy Fraser. Thus, we consider that when recognition demands are not met, visibility can be harmful to the subjects. In this sense, anonymity can be a strategy for livable lives, as proposed by Judith Butler.

Keywords: LGBTQ+ history; queer press; visibility; recognition

Sumário

Introdução.....	8
1. Sair do armário e ganhar as ruas.....	10
1.1 Um jornal que questiona a norma.....	10
1.2 Visibilidade nas ruas: a Parada Livre de POA.....	17
2. Por uma nova invisibilidade.....	24
3. Experiências no anonimato.....	26
3.1 Preferir não fazê-lo.....	26
3.2 Reconhecimento.....	33
Considerações Finais.....	42
Referências.....	43

Introdução

Embora aparentemente opostos, visibilidade e anonimato se inserem no mesmo espectro. No necessário debate proposto pelo campo da História LGBTQI+ no Brasil, ao qual esse trabalho pretende somar-se, ser visível ou invisível tornou-se ponto cabal. Na medida em que “sair do armário” deixou de significar, quase que obrigatoriamente, a completa marginalização dos sujeitos que experienciam as sexualidades dissidentes, “aparecer” virou motivo de orgulho e transformou-se em evento.

Como uma historiadora lésbica, sempre optei por posicionar-me politicamente em favor da visibilidade, ao mesmo tempo que me intrigava a decisão de algumas pessoas por “não levantar bandeira”. Ciente de que sou mais do que lésbica, e sim possuo uma série de outros marcadores (cisgênero, classe média, branca, atea), me perguntava o quanto essa visibilidade era “concedida” à mim não somente por eu ser lésbica, mas por uma série de privilégios que me atravessavam.

Assim, o presente trabalho busca tratar do binômio visibilidade/anonimato a partir de duas proposições: a primeira é discutir a visibilidade e como ela é imaginada, incentivada e retratada nas páginas do *Jornal do Nuances*, publicação periódica do grupo pela livre expressão sexual que atua em Porto Alegre desde o início da década de 1990. A segunda é, com auxílio de teorias para pensarmos o reconhecimento político, pensarmos a trajetória de A.G., uma mulher que opta por viver no anonimato. O objetivo é compreender de que forma essas duas visões se complementam e/ou contradizem, para refletirmos a possibilidade de vidas vivíveis nessas condições.

O movimento homossexual brasileiro engendra diferentes dinâmicas a partir do final da década de 1970. O *Nuances - Grupo Pela Livre Expressão Sexual* surge num período posterior às primeiras organizações homossexuais, marcado pela resposta do Estado à epidemia de HIV/aids e construção de sujeitos políticos diversos que viriam dar origem ao movimento LGBTQI+, a “sopa de letrinhas” identitária das décadas de 1990 e 2000 (FACCHINI, 2005). Nascido “Movimento Homossexual Gaúcho” em 1991, logo prevaleceu entre os fundadores o nome “Nuances”. Formalizado como organização não-governamental nos anos seguintes, o *Nuances* passa a atuar na militância política em Porto Alegre pela cidadania e direitos da população LGBTQI+, estabelecendo relações com grupos no interior

do estado e no Brasil, beneficiando-se de um cenário frutífero para as discussões progressistas, a exemplo do Orçamento Participativo e do Fórum Social Mundial.

Dentre os já conhecidos jornais da imprensa homossexual brasileira, a exemplo d'O Snob e do Lampião da Esquina que circularam nas décadas de 1960 e 1970, respectivamente, o Jornal do Nuances também se aproxima dos boletins circulados pelo Grupo Gay da Bahia na década de 1980 e do jornal Nós Por Exemplo, da década de 1990 (SOUTO MAIOR JR, 2017). É notório, porém, o quanto o Jornal do Nuances buscava evocar o “espírito” do Lampião da Esquina, reproduzindo reportagens e buscando relacionar os dilemas da militância nos dois períodos.

Nas páginas do jornal, que contou com quase 50 edições desde 1998, mais do que um boletim das ações do grupo, encontramos um “veículo de difusão da política e da cultura homossexuais no Rio Grande do Sul” (BARROSO, 2007, p. 11). Além de gays, lésbicas, pessoas bissexuais e, em menor número, travestis e transexuais apareceram em matérias, assinaram artigos de opinião e foram notícia. É importante ressaltar a riqueza do material encontrado no jornal, embora não seja nossa intenção tratar de todos os seus temas. Aqui, procuraremos evidenciar o quanto a “visão nuanceira” aventa uma visibilidade transgressora, culminando na Parada Livre como exemplo e vitória do grupo nos seus anos de atividade. O tema da visibilidade é recorrente no Jornal do Nuances, e nos ajuda a compreender que tipo de sujeito o grupo quer visibilizar. Veremos como a Parada Livre se torna ferramenta para isso e como o "sair do armário para ocupar as ruas" integra a narrativa do grupo de questionar a heteronormatividade, a moral cristã, justamente negando o sujeito LGBTQI+ “desejável”, assimilado, afirmando, portanto, a potencialidade de um grupo que sai da marginalidade para integrar a sociedade.

Na sequência, trataremos do anonimato em oposição/complementaridade a essa visibilidade. A trajetória de A.G. nos auxilia nessa reflexão ao pensarmos o movimento social como uma faceta do reconhecimento na luta pela paridade de participação na interação social, como prevê Nancy Fraser, e a passabilidade como uma estratégia de vidas vivíveis quando esses sujeitos não são reconhecidos como iguais. Em conjunto, essas análises podem contribuir para entendermos o papel dos movimentos sociais na luta por reconhecimento e a importância da crítica à cisheteronorma enquanto limitadora.

Considerações Finais

Esse trabalho buscou de dar conta de duas questões fundamentais: a visibilidade e a invisibilidade para sujeitos LGBTQI+. O Jornal do Nuances e a crítica da assimilação dos sujeitos e das sexualidades dissidentes através da reafirmação da diversidade e da potencialidade transgressora buscou tratar da primeira questão. Barroso resume a proposta do Nuances e de sua agenda:

Um dos eixos do programa político nuanceiro consiste em lutar pela inclusão sem que os excluídos precisem se domesticar, anular sua diferença, sua identidade social e/ou cultural, para atender (ou ajustar-se) ao gosto de quem estaria “atendendo” ao seu “apelo” por inclusão. Se a exclusão social é justificada pelo comportamento marginal dos indivíduos excluídos, que sua inclusão não se dê em contrapartida ao apagamento destes aspectos de seu estilo de vida. O Nuances fala por (e a respeito de) indivíduos e comportamentos sexuais socialmente marginalizados, destaca positivamente a existência desses indivíduos e de seus comportamentos sexuais, encoraja seu protagonismo em favor do respeito e da cidadania e desafia a sociedade a rever seus valores e promover sua inclusão plena. (BARROSO, 2007, p. 290).

Essa visão aparece na defesa da Parada Livre como evento símbolo da visibilidade idealizada pelo grupo, um espaço de afirmação política e de crítica da moral conservadora cisheteronormativa. Se, por um lado, há a promoção da inclusão plena da diversidade através da visibilidade, por outro, essa visibilidade só é benéfica para determinados sujeitos.

Procuramos dar conta da questão da invisibilidade como contraposição à visibilidade transgressora através da trajetória de A.G. e seu desejo de anonimato. Se a visibilidade essencializa, engessa e, por não serem reconhecidos, estigmatiza os sujeitos fora da norma inteligível, o anonimato é um resguardo possível. O fim da discriminação é o reconhecimento, não precisar mais impor a presença, como proposto por Fraser no conceito de incorporação paritária.

Nesse sentido, podemos considerar a complexidade de existências possíveis dentro da sociedade que não reconhece plenamente seus integrantes. Entendermos o anonimato como estratégia, na medida em que demandas por reconhecimento, embora parcialmente atendidas pelo Estado através de políticas públicas, não consolidam a posição dos sujeitos como pares na interação social é fundamental. A visibilidade é uma possibilidade de demandar reconhecimento, como propõe o Nuances e os movimentos sociais. Se os corpos trans são marcados e marginalizados por desviarem da norma, o maior trabalho é não é questionar os termos de incorporação, e sim à norma a qual precisam se adequar para garantir a passabilidade e, em decorrência disso, o anonimato que possibilita vidas vivíveis.

REFERÊNCIAS

• **Jornal do Nuances, edições consultadas:**

Nuances lança guia dos direitos humanos (Ano 1, n. 1, janeiro 1998); Gays exigem maior penetração (Ano 1, n. 7, s.d.); Tudo sobre a Parada Livre de 99 (Ano 2, n. 8); Conheça a doce fama de Pelotas (Ano 2, n. 11, março 2000); Nuances processa INSS (Ano 2, n. 12, abril 2000); Parada Livre 2000 (Ano 2, n. 13, julho 2000); Mas bá, quanta bichice! (Ano 3, n. 16, agosto 2001); A Nuanceira 1 (junho 2002); Parada Livre Todos os Dias! (Ano 4, n. 20, agosto 2002); Putas e travas que gozam trabalhando (Ano 4, n. 21, outubro 2002); Parada Livre agita Porto Alegre (Ano 4, n. 24, julho 2003); Lésbicas vão às ruas (Ano 4, n. 25, setembro 2003); Visibilidade lésbica em alta (Ano 4, n. 26, dez. 2003); Roteirão Guei e Lésbica atualizado (Ano 5, n. 27, março 2004); A cidade partida do jornal Boca de Rua/ Parada Livre 2004 (Ano 5, n. 28, maio 2004); Entrevista Rita Cadillac dá para o Nuances (Ano 5, n. 31, dezembro 2004); Gaty é cabra macho sim senhor! (Ano 6, n. 33, maio 2005); 9a Parada Livre em POA e se espalhando... (Ano 6, n. 34, agosto 2005); Nuances na rua! (Ano 6, n. 36, julho 2006); 10a Parada Livre parou a cidade (Ano 9, n. 38, outubro 2006); Bichas “teen” vôôôaaamm para a Europa! (Ano 10, n. 39, abril 2007); A Papa é Uóó! (Ano 10, n. 40, junho 2007); Todo mundo vai sair do armário! (Ano 10, n. 41, outubro 2007); A Parada da Cidade (Ano 10, n. 42, novembro 2007); Meu tempo não parou (Ano 10, n. 43, agosto 2008); 12a Parada Livre 2009 Cultive seus direitos! (Ano 10, n. 44, dezembro 2008); Êba! Viado na pista! (Ano 11, n. 45, junho 2015); Não vai ter golpe! (Ano 12, n. 46, abril 2016).

• **Bibliografia**

ANJOS, Gabriele dos. Homossexualidade, direitos humanos e cidadania. *Sociologias*, Porto Alegre, n. 7, p. 222-252, Junho 2002. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-45222002000100010&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 10 mai. 2020.

BARROSO, Fernando Luiz Alves. *Jornal do Nuances: a prática midiática de uma ONG de Porto Alegre - RS para o confronto político entre o "gay classe média" e a "bicha bafona"*. 305 p. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) - Universidade do Vale do Rio do Sinos, 2007.

_____. “Jornal do Nuances: análise da construção de um periódico gay.” *Revista Bagoas* n.2, v.3, 2009. pp. 179–204.

BUTLER, Judith. *Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”*. In: LOURO, Guacira Lopes (org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2016a.

_____. *Quadros de Guerra : quando a vida é passível de luto?* Rio de Janeiro : Civilização Brasileira, 2016a.

_____. *Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”*. In: LOURO, Guacira Lopes (org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2016b.

_____. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015a.

_____. Relatar a si mesmo: crítica da violência ética. Belo Horizonte: Autêntica, 2015b.

BUTLER, Judith; ATHANASIOU, Athena. Dispossession: The Performative in the Political. Cambridge: Polity Press, 2013.

CAMARGOS, Moacir Lopes de. O surgimento das Paradas LGBT no Brasil. In: GREEN, James N., et al (orgs.). História do Movimento LGBT no Brasil. São Paulo: Alameda, 2018.

CEZAR, Temístocles. Bartleby e Nulisseu: a arte de contar histórias de vida sem biografia. In: AVELAR, Alexandre de Sá; SCHMIDT, Benito Bisso (Orgs.). O que pode a biografia. São Paulo: Letra e Voz, 2018.

DE PONTES, Júlia Clara; DA SILVA, Cristiane Gonçalves. Cisnormatividade e passabilidade: deslocamentos e diferenças nas narrativas de pessoas trans. *Periodicus*, Salvador, n. 8, v. 1, nov. 2017-abr.2018.

FACCHINI, Regina. Sopa de Letrinhas? Movimento homossexual e produção de identidades coletivas nos anos 90. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

_____. “Movimento homossexual no Brasil: recompondo um histórico”. In: GREEN, James & MALUF, Sônia. (eds.). Cadernos AEL: homossexualidade, sociedade, movimento e lutas. Vol. 10, nº 18-19, 2003.

FRASER, Nancy. Reconhecimento sem ética?. *Lua Nova*, São Paulo, n. 70, p. 101-138, 2007. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-64452007000100006&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 10 mai. 2020.

_____. Da redistribuição ao reconhecimento? Dilemas da justiça numa era “póssocialista”. *Cadernos de campo*, São Paulo, n. 14/15, 2006, p. 231-239.

GOLIN, Célio. Nuances 25 anos - Uma trajetória inconformada com a norma. Porto Alegre: s.n., 2017.

GRUPO GAY DA BAHIA. Assassinatos LGBT no Brasil- Relatório 2016. Disponível em <<http://bancariospa.org.br/wp3/wp-content/uploads/2017/01/relatc3b3rio-20162.pdf>>. Acesso em 10 mai. 2020.

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. *Cadernos Pagu* (5), Campinas-SP, Núcleo de Estudos de Gênero-Pagu/Unicamp, 1995, pp.7-41.

KIRBY, Vicki: Judith Butler: Pensamiento en acción. Barcelona: Bellaterra, 2011.

MORANDO, Luiz. O visível e o representável. *Nós Por Exemplo* , nº:17. Rio de Janeiro: 1994.

NOGUEIRA, Sayonara Naider Bonfin; AQUINO, Tathiane Araújo; CABRAL, Euclides Afonso. Dossiê: a geografia dos corpos das pessoas trans. [S.l.]: Rede Trans Brasil, 2017.

PELÚCIO, Larissa . Traduções e torções ou o que se quer dizer quando dizemos queer no Brasil?. *Periodicus*, v. 01, p. 15-39, 2014.

PERLONGHER, Nestor. O michê é homossexual? ou: A política da identidade TRONCA, Ítalo A (Org). Foucault vivo. Campinas: Pontes, 1987.

PINTO, Céli Regina Jardim. Nota sobre a controvérsia Fraser-Honneth informada pelo cenário brasileiro. Lua Nova, São Paulo, n. 74, p. 35-58, 2008. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-64452008000200003&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 06 mai. 2020.

PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP. (Projeto História: Cultura e Representação) São Paulo, n. 14, fev.1997, p. 25-39.

PRECIADO, Paul. Multidões queer: notas para uma política dos "anormais". Rev. Estud. Fem., Florianópolis, v.19, n. 1, p. 11-20, Apr. 2011. Disponível em<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2011000100002&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 26 abr. 2020.

RODRIGUES, Jorge Caê. A imprensa gay no Brasil. In: GREEN, James N., et al (orgs.). História do Movimento LGBT no Brasil. São Paulo: Alameda, 2018.

ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira. “A gente é pessoa!”: narrativas de mulheres trans sobre Direitos Humanos. Tempo e Argumento, Florianópolis, v. 12, n. 29, jan./abr. 2020.

SCOTT, Joan W. A invisibilidade da experiência. Revista Projeto História. São Paulo, nº. 16, pp. 297-325, 1998.

SIMÕES, Júlio Assis; FACCHINI, Regina. Na trilha do arco-íris: do movimento homossexual ao LGBT. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2009.

SOUTO MAIOR JR, Paulo Roberto. A invenção do sair do armário: a confissão das homossexualidades no Brasil (1979-2000). 271p. Tese (Doutorado em História) - Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, 2019.

SOUTO MAIOR JR, Paulo Roberto. O “assumir” na emergência do movimento homossexual brasileiro: os casos do Somos (SP), Grupo Gay da Bahia (BA) e Dialogay (SE). Revista de História Regional, Ponta Grossa, v. 22, n. 1, pp.171-197, 2017.

TRANSGENDER EUROPE. Trans Murder Monitoring annual report 2016. Disponível em <<https://transrespect.org/wp-content/uploads/2016/11/TvT-PS-Vol14-2016.pdf>>. Acesso em 10 mai. 2020.